

Verbos causativos de alternância locativa

Inês Duarte*

Talvez se lembrem do modo como Beth Levin e Steven Pinker abriram a sua introdução ao número especial da revista *Cognition* dedicado à Semântica Lexical e Conceptual, i.e., com a seguinte citação do prefácio de Samuel Johnson ao *Dictionary of the English Language* 1755:

It is the fate of those who dwell at the lower employments of life, to be rather driven by the fear of evil, than attracted by the prospect of good; to be exposed to censure, without hope of praise; to be disgraced by miscarriage, or punished for neglect, where success would have been without applause, and diligence without reward.

Among these unhappy mortals is the writer of dictionaries...

Por razões compreensíveis, a reacção actual ao trabalho de quem procura contribuir para a descrição dos léxicos mentais não é muito diferente da que enfrentavam os lexicógrafos setecentistas. De facto, a tarefa a que se dedicam estes “infelizes mortais” — i.e., a tarefa de especificação das representações mentais que caracterizam o conhecimento que temos das palavras — por um lado, é complexa e, por outro, é normalmente encarada como um empreendimento de sucesso muito limitado.

Para nos apercebermos da complexidade da tarefa, basta pensar nos muitos aspectos que se encontram envolvidos no conhecimento de cada palavra: ter uma palavra no nosso léxico activo, significa conhecer a sua forma fónica, a sua estrutura interna, a categoria sintáctica a que pertence, as suas propriedades de construção e o seu significado (literal e metafóricos

* Dep. Linguística Geral e Românica; Faculdade de Letras; Universidade de Lisboa

“correntes”). Para complicar ainda mais as coisas, coexistem no nosso léxico mental palavras originadas por processos diferentes e que entraram na língua em épocas e contextos histórico-culturais distintos.

Assim, e embora se trate de uma área-chave para a compreensão das relações entre linguagem e cognição, a complexidade já referida, a sensação inevitável de que se trata do domínio linguístico por excelência das idiosincrasias e o reconhecimento de que não dispomos ainda de um vocabulário de descrição do significado que seja satisfatório conduzem ciclicamente a algum pessimismo, por ser muito desigual a relação entre esforço dispendido e resultados obtidos.

Para alguém como eu, que olha para o léxico com olhos treinados pela sintaxe e que considera que muitas propriedades sintácticas das construções derivam das características dos itens nucleares dessas construções, certos temas e áreas reconhecíveis no empreendimento mais geral de especificação do léxico mental são especialmente apetecíveis. Uma dessas áreas é a da **representação das componentes de significado da palavra que são relevantes para a sintaxe**.

Nos últimos anos, o debate em torno deste problema tem sido particularmente vivo e tem dado origem a muitos trabalhos defendendo hipóteses teóricas que se distinguem quer quanto aos conceitos considerados centrais para tal representação (por exemplo, papéis temáticos *vs* classes aspectuais), quer quanto à complexidade e maquinaria requerida (por exemplo, um *vs* vários níveis de representação lexical; regras de Associação *vs* derivações sintácticas no léxico).

Porque a Linguística é uma ciência empírica, os constructos teóricos que propõe são guias para a compreensão do seu objecto de estudo. Assim, vejamos como algumas hipóteses teóricas nos podem ajudar a compreender um problema de especificação do léxico mental com contrapartidas sintácticas evidentes: o caso de **verbos de alternância locativa em construções transitivas**.

Na literatura, têm sido estudados dois tipos de alternâncias locativas em construções transitivas, conhecidos na literatura com o nome de verbos ingleses que as permitem: o tipo *spray/load* (cf. (1)) e o tipo *wipe/clean* (cf. (2)):

- (1) (a) O camponês carregou feno no tractor.
 (b) O camponês carregou o tractor com feno.
 (2) (a) A empregada limpou o pó dos/aos móveis.
 (b) A empregada limpou os móveis.
 (c) A empregada limpou o pó.
 (d) A empregada limpou os móveis de pó.

Nesta intervenção, centrar-me-ei no tipo de alternância ilustrada em (1). No quadro I, estão indicados alguns verbos que, em Português europeu, permitem este tipo de alternância.

VERBOS DE ALTERNÂNCIA LOCATIVA			
Tipo	Vs de distribuição	Vs de fixação	Vs de criação
x V y com z vs x V z em y	barrar, besuntar, carregar, friccionar, polvilhar ...	estampar gravar, pintar, plantar, semear, ...	construir, esculpir, fazer, ...

QUADRO I

Vejamos quais as propriedades da alternância ilustrada pelos exemplos (1).

Ambas as variantes dão origem a uma construção transitiva (i.e., em que ocorre um sujeito e um objecto directo) causativa (i.e., em que a mudança sofrida por um dos argumentos é atribuída à acção de um agente). Contudo, do ponto de vista conceptual, a situação-tipo representada por frases como (1a) é uma situação em que uma entidade (x) causa a mudança de uma entidade y (o **localizado**) para um lugar z (a **localização**). Referir-me-ei a esta variante como a **variante do localizado-como-objecto**. Já a situação-tipo representada por frases como (1b) é uma situação em que uma entidade (x) causa a mudança de estado de uma entidade z (a **localização**) por efeito da mudança de lugar da entidade y (o **localizado**). Referir-me-ei a esta variante como a variante da localização-como-objecto.

O padrão sintáctico de cada uma das variantes e a sua caracterização léxico-conceptual (informal) estão indicadas em (3):

- (3) (a) x V y em z
 x causa a mudança do localizado y para a localização z
 (b) x V x com y
 x causa a mudança de estado da localização z através do movimento do localizado y

Se a caracterização léxico-conceptual de cada uma das variantes apresentada em (3) é correcta, o verbo presente na variante do localizado-como-objecto é um verbo de mudança de lugar, enquanto o verbo presente na variante da localização-como-objecto é um verbo de mudança de estado. Esta diferença suscita vários tipos de perguntas:

- (4) (i) Existem diferenças de interpretação nas duas variantes que justifiquem considerar que a situação-tipo representada em cada caso é distinta (mudança de lugar vs mudança de estado)?
- (ii) O estatuto sintáctico das entidades envolvidas nas duas variantes é idêntico (y e z são complementos seleccionados pelo verbo nas duas variantes)?
- (iii) Em cada uma das variantes ocorre o mesmo verbo ou trata-se de verbos diferentes (estamos perante um caso de polissemia ou de homonímia)?

Relativamente à primeira questão, vários autores notaram que a interpretação atribuída à variante do localizado-como-objecto é **parcial**, enquanto a atribuída à variante da localização-como-objecto é **holística**. A diferença entre estas duas interpretações é ilustrada pelos contrastes seguintes:

- (5) (a) O camponês carregou feno no tractor, mas este não ficou totalmente carregado.
 (b) *O camponês carregou o tractor com feno, mas este não ficou totalmente carregado.
- (6) (a) O decorador pintou flores na parede da sala, mas esta não ficou totalmente pintada.
 (b) *O decorador pintou a parede da sala com flores, mas esta não ficou totalmente pintada.
- (7) (a) O escultor esculpiu cabelos na estátua, mas esta não ficou totalmente esculpida.
 (b) *O escultor esculpiu a estátua com cabelos, mas esta não ficou totalmente esculpida.

Existe igualmente uma diferença aspectual entre as duas variantes: aceitando a tipologia aspectual de Vendler-Dowty, a variante com interpretação parcial descreve uma **actividade**, enquanto a variante com interpretação holística descreve um **accomplishment**. Esta diferença de *aktionsart* está patente nos contrastes seguintes:

- (8) (a) O camponês carregou feno no tractor durante três horas.
 (b) *O camponês carregou feno no tractor em três horas.
 (c) *O camponês carregou o tractor com feno durante três horas.
 (d) O camponês carregou o tractor com feno em três horas.
- (9) (a) O decorador pintou flores na parede da sala durante três horas.

- (b) *O decorador pintou flores na parede da sala em três horas.
 (c) *O decorador pintou a parede da sala com flores durante três horas.
 (d) O decorador pintou a parede da sala com flores em três horas.
- (10) (a) O escultor esculpiu cabelos na estátua durante três horas.
 (b) *O escultor esculpiu cabelos na estátua em três horas.
 (c) *O escultor esculpiu a estátua com cabelos durante três horas.
 (d) O escultor esculpiu a estátua com cabelos em três horas.

Em síntese, os contrastes apresentados em (5)-(10) corroboram as seguintes conclusões:

- (11) (a) A variante do localizado-como-objecto tem uma interpretação parcial e descreve uma actividade.
 (b) A variante da localização-como-objecto tem uma interpretação holística e descreve um *accomplishment*.

Retomemos agora a segunda questão formulada em (4), relativa ao estatuto sintáctico do localizado e da localização nas duas variantes. Atente-se nos resultados dos testes aplicados a cada uma das variantes:

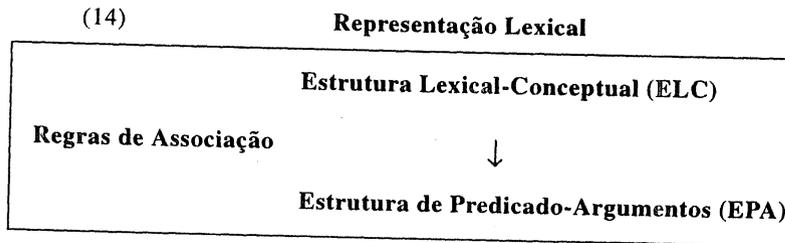
- (12) O camponês carregou feno no tractor.
 (a) (?)O camponês carregou feno.
 (b) *O que o camponês fez no tractor foi carregar feno.
 (c) O que é que o camponês fez no tractor?
 *Carregou feno.
- (13) O camponês carregou o tractor com feno.
 (a) O camponês carregou o tractor.
 (b) O que o camponês fez com feno foi carregar o tractor.
 (c) O que é que o camponês fez com feno?
 Carregou o tractor.

Na variante do localizado-como-objecto, o resultado dos testes de identificação do SV (cf. (12b, c)) leva à conclusão de que a localização é um complemento do verbo; por seu lado, a gramaticalidade de (12a) sugere que a localização tem, nesta variante, o estatuto de um complemento opcional. Por sua vez, na variante da localização-como-objecto, o resultado dos testes de identificação de SV (cf. (13b, c)) leva-nos a concluir que, nesta variante, o localizado tem o estatuto de adjunto, o que é corroborado pela gramaticalidade de (13a).

Finalmente, a resposta ao problema formulado em (4iii) depende do conjunto de assunções teóricas de partida sobre a forma do léxico e a da interface léxico-sintaxe.

Exploremos duas possibilidades de resposta a esta questão, que decorrem de diferentes hipóteses teóricas de partida.

Suponhamos, como fazem Rappaport & Levin 1988, que existem dois níveis de representação lexical: o nível da estrutura lexical-conceptual (ELC) e o nível da estrutura lexical-sintáctica ou de predicado-argumentos (EPA). Assumamos que a ELC, que especifica as componentes de significado de um item lexical, representa tal significado por decomposição lexical em predicados elementares. Assumamos finalmente que a ELC e a EPA estão articuladas através de Regras de Associação (=Linking Rules) que associam cada uma das entidades presentes na ELC a uma posição na EPA (cf. (14)):



Aceitando a hipótese sobre representação lexical especificada em (14), um verbo de alternância locativa como *carregar* tem a seguintes representação lexical em cada uma das variantes:

- (15) **ELC**¹
- (a) Variante do localizado-como-objecto:
carregar: [x CAUSAR [y FICAR EM z]]
- (b) Variante da localização-como-objecto:
carregar: [x CAUSAR [z FICAR NUM ESTADO]]
POR MEIO DE [x CAUSAR [y FICAR EM z]]

A projecção das ELC's apresentadas em (15a) e (15b) nas respectivas EPA's é feita através das seguintes Regras de Associação, aplicadas segundo a ordem indicada em (16):

- (16) **Regras de Associação**
- (a) **Regra de Associação da Causa Imediata**²
A entidade que denota a causa imediata da eventualidade denotada pelo verbo é o seu argumento externo.

¹ Cf. Rappaport & Levin 1988: 26.
² Cf. Levin & Rappaport Hovav 1991: 135.

- (16) (b) **Regra de Associação da Mudança Directa**³
A entidade que sofre a mudança directa descrita pelo verbo é o seu argumento interno directo (i.e., não preposicionado).
- (c) **Regra de Associação das não causas imediatas e das não mudanças directas**⁴

As entidades que nem denotam a causa imediata da eventualidade denotada pelo verbo nem sofrem a mudança directa descrita pelo verbo são argumentos internos introduzidos pela preposição adequada.

Da aplicação ordenada das Regras de Associação apresentadas em (16) a (15a) e a (15b) resultam, respectivamente, as EPA's (17a) e (17b):

- (17) (a) *carregar*: x < y em z>⁵
(b) *carregar*: x < z com y>

Repare-se que, de acordo com esta análise:

- (18) (a) Existem em Português europeu dois verbos *carregar* (cf. as duas ELC's em (15)): um que pertence à classe dos verbos causativos de mudança de lugar (cf. (15a)) e outro que pertence à classe dos verbos causativos de mudança de estado (cf. (15b));
- (b) Ambos os verbos são predicados de três lugares, em que o constituinte preposicionado tem o estatuto de argumento interno, contrariamente ao que os testes aplicados em (12) e (13) mostram;
- (c) Das ELC's apresentadas em (15) não é possível derivar nem a interpretação parcial vs holística, nem a interpretação aspectual de actividade vs *accomplishment* associadas a cada uma das variantes.

Pelas razões enunciadas em (18), a análise apresentada não capta de uma forma satisfatória as propriedades lexicais e sintácticas da alternância em estudo.

Suponhamos então que:

³ Cf. *id.*: 146.
⁴ Cf. Rappaport & Levin 1988: 20, embora estas autoras não dêem esta designação à regra nem a formulem deste modo.
⁵ Por convenção, as entidades incluídas entre os parêntesis angulares são os argumentos internos, pelo que ocorrerão como complementos do verbo nas representações sintácticas; a entidade fora dos parêntesis angulares é o argumento externo, pelo que será introduzida nas representações sintácticas na posição de especificador de VP.

- (19) (a) As componentes de significado de um verbo relevantes para a sintaxe são função da relação não marcada denotada pelo verbo, a qual determina a interpretação aspectual não marcada do mesmo, e da posição em que tais verbos podem ser inseridos num conjunto de estruturas que definem os grandes tipos de eventos que podem ser denotados por um predicado;
- (b) Cada um dos nós dessas estruturas tem uma etiqueta sintáctica com uma contrapartida definida em termos de predicados elementares;
- (c) A extensão/alteração do significado de um verbo resulta da possibilidade de este ser inserido em estruturas distintas daquela que caracteriza a sua interpretação não marcada⁶;
- (d) Não existe movimento (Núcleo-a-Núcleo)⁷ no nível de representação lexical.

Aceitando estas assumpções, que análise podemos propor para a alternância que temos vindo a considerar?

A primeira decisão a tomar diz respeito à variante que devemos considerar como não marcada ou básica: a variante do localizado-como-objecto ou a variante da localização-como-objecto? Se considerarmos verbos das mesmas classes dos que admitem alternância locativa mas que só aceitam uma das variantes em causa, verificamos que a generalidade destes verbos apenas admitem a construção em que o localizado ocorre como argumento interno directo:

Verbos de Distribuição

- (20) (a) O João pôs manteiga no pão.
 (b) A Maria espalhou flores na mesa.
- (21) (a) *O João pôs pão com manteiga.
 (b) *A Maria espalhou a mesa com flores.

Verbos de Fixação

- (22) (a) O artesão embutiu marfim na cómoda.
 (b) O miúdo colou bandeiras no arame.
- (23) (a) *O artesão embutiu a cómoda com marfim.
 (b) *O miúdo colou o arame com bandeiras.⁸

⁶ Cf. por exemplo, Erteschick-Shir & Rapoport 1997.

⁷ Contrariamente ao que defendem Hale & Keyser 1993, por exemplo.

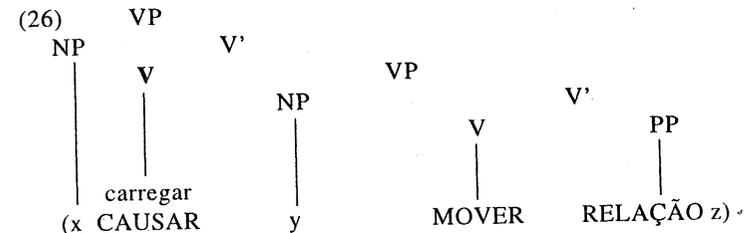
⁸ A frase é agramatical na interpretação relevante, i.e., aquela em que *arame* denota a localização e *bandeiras* o objecto localizado.

Verbos de Criação

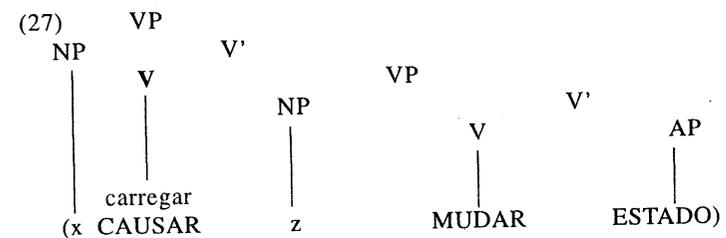
- (24) (a) O dono erigiu estátuas no átrio.
 (b) A japonesa fez origamis no espectáculo.
- (25) (a) *O dono erigiu o átrio com estátuas.
 (b) *A japonesa fez o espectáculo com origamis.⁹

O facto de a variante do localizado-como-objecto ser a construção que ocorre menos restritamente pode levar-nos a considerar que é ela a não marcada, i.e., a que corresponde ao significado nuclear dos verbos destas classes.

Das assumpções enunciadas em (19a, b, d), decorre que a interpretação não marcada destes verbos pode ser representada como em (26):



Por seu lado, a interpretação marcada, correspondente à variante da localização-como-objecto, corresponderá à inserção do verbo numa estrutura como (27):



As representações propostas em (26) e (27) captam as propriedades essenciais atribuídas a cada uma das variantes da alternância locativa em estudo, sem que seja necessário postular homonímia verbal. Em particular:

- (28) (a) A estrutura em que o verbo é inserido em (26) pode corresponder ao tipo de evento definido como **atividade**

⁹ A frase é agramatical na interpretação relevante, i.e., aquela em que *espectáculo* denota a localização e *origamis* o objecto localizado.

- (agentiva), enquanto a estrutura em que o verbo é inserido em (27) corresponde tipicamente ao tipo de evento definido como *accomplishment*;
- (b) Da diferente interpretação aspectual do verbo em (26) e (27) deriva a interpretação parcial vs holística associada a cada uma das variantes;
- (c) Enquanto em (26) existem três argumentos que devem ser projectados, pelo que a sintaxe deve realizar dois deles como argumentos internos, em (27) apenas estão disponíveis dois lugares de argumento, pelo que a sintaxe apenas pode realizar um dos argumentos presentes como complemento.

Gostaria de tornar claro que não considero as duas hipóteses teóricas que considereei na análise deste tipo de construções de alternância locativa as únicas hipóteses possíveis de considerar quando pretendemos compreender problemas de especificação lexical com incidências sintáticas: utilizei-as para mostrar como pressupostos diferentes quanto à natureza da representação lexical podem conduzir a análises distintas do mesmo tipo de fenômenos.

O que pretendi nesta intervenção foi ilustrar, através da consideração do problema dos verbos causativos de alternância locativa, os desafios que a escrita de léxicos mentais nos obriga a enfrentar: a identificação dos ingredientes constitutivos de significados nucleares e a construção dos instrumentos mais adequados para a descrição dos mesmos; a compreensão dos processos de extensão ou alteração do significado nuclear de uma palavra; o modo de conceber a interface entre léxico e sintaxe.

Referências Bibliográficas

- DEMONTE, V.
1991 *Detrás de la Palabra. Estudios de Gramática del Español*. Madrid: Alianza Editorial.
- DOWTY, D.
1979 *Word Meaning and Montague Grammar*. Dordrecht: Reidel.
- ERTESCHICK-SHIR, N. & T. RAPOPORT
1997 "A Theory of Verbal Projection". In Matos, Miguel, Duarte & Faria (eds): *Interfaces in Linguistic Theory*. Lisboa: APL/Colibri.
- HALE, K. & S. J. KEYSER
1993 "On Argument Structure and the Lexical Expression of Syntactic Relations". In Hale & Keyser (eds): *The View from Building 20*. Cambridge, Mass: The MIT Press.

- LEVIN, B & M. RAPPAPORT HOVAV
1992 "Wiping the State Clean: A Lexical Semantic Exploration" in Levin & Pinker (eds).
—— & S. PINKER (eds)
1992 *Lexical and Conceptual Semantics. A Cognition Special Issue*. Londres: Blackwell.
—— & M. RAPPAPORT HOVAV
1995 *Unaccusativity. At the Syntax-Lexical Semantics Interface*. Cambridge, Mass: The MIT Press.
- MAIA, L. M. S.
1996 *Verbos de Alternância Locativa em Português*. Universidade do Porto: Dissertação de Mestrado.
- RAPPAPORT HOVAV, M. & B. LEVIN
1988 "What to Do with Theta-Roles?". In Williams (ed): *Syntax and Semantics 21*. Nova Iorque: Academic Press.
- VENDLER, Z.
1967 *Linguistics in Philosophy*. Ithaca: Cornell University Press.